

COMPETÊNCIAS EMPREENDEDORAS: UMA INVESTIGAÇÃO COM PRODUTORES RURAIS CATARINENSES

DOI: 10.14211/41130

Artigo recebido em: 30/04/2014.

Artigo aprovado em: 05/02/2015.

Danieli Eidt Bracht – Faculdades de Itapiranga¹
Nathalia Berger Werlang – Faculdades de Itapiranga²

Resumo: O empreendedorismo é visto hoje como um dos principais propulsores do crescimento econômico, por meio da criação de empregos e renda para a população, melhorando significativamente as condições de vida de uma grande parcela de brasileiros. Desta forma, este estudo tem como objetivo identificar as competências empreendedoras entre os produtores rurais catarinenses. A fim de elucidar o objetivo geral, foi adotada uma pesquisa de abordagem quantitativa e descritiva, com a aplicação de uma *survey*. Os dados foram coletados em forma de questionários fechados de Likert 5 pontos, baseado no instrumento desenvolvido por Lenzi (2008). Obteve-se como retorno 334 questionários válidos de produtores rurais catarinenses, os quais foram analisados com o auxílio do software *IBM SPSS Statistics 21.0*. Os resultados apontam que as competências persistência, comprometimento e busca de informações apareceram em maior destaque dentre os produtores rurais pertencentes à amostra da pesquisa. Com menor intensidade manifestaram-se a busca de oportunidade e iniciativa, exigência de qualidade e eficiência e a competência estabelecimento de metas.

Palavras-chave: Empreendedorismo, competências empreendedoras, produtores rurais.

ENTREPRENEURIAL COMPETENCIES: AN INVESTIGATION AMONG FARMERS IN SANTA CATARINA

Abstract: Entrepreneurship is seen today as a main driver of economic growth through the creation of jobs and income for the population, significantly improving the living conditions of a large number of Brazilians. Thus, this study aims to identify the entrepreneurial competencies among farmers in Santa Catarina. To elucidate the overall goal, we adopted a quantitative and descriptive research, with the application of a survey. The data were collected a five point Likert questionnaire, based on the instrument developed by Lenzi (2008). As a return, it was received 334 valid questionnaires among farmers in Santa Catarina, which were analyzed using the *IBM SPSS Statistics 21.0* software. The results showed that the competences persistence, commitment and information search appeared in more prominent among the farmers belonging to the research sample. Less intensely appeared the competencies opportunity and initiative search, quality and efficiency requirement and goals establishing.

Keywords: Entrepreneurship, entrepreneurial competencies, farmers.

¹ E.mail: danieli.bracht@gmail.com

² E.mail: nathaliabw@gmail.com – Endereço: Rua Carlos Kummer, 100, Bairro Universitário, Itapiranga – SC, CEP: 89896000.

Introdução

A relação do empreendedorismo com o estímulo ao desenvolvimento dos negócios, introdução de novas formas de produzir e criação de novas relações de trabalho foi inicialmente proposta por Joseph Schumpeter, em 1911, em sua obra Teoria do Desenvolvimento Econômico (BARROS; PEREIRA, 2008). A notoriedade das contribuições do empreendedor passou a ser palco de discussão entre estudiosos e teve suas principais contribuições a partir da teoria comportamental de David McClelland, desenvolvida em 1973, à qual fundamentou a realização pessoal como principal fator impulsionador dos negócios (FILLION, 1999).

Tal teoria contribuiu para o desenvolvimento das dez competências de Cooley (1990), utilizadas até hoje como parâmetro de avaliação e treinamento de empreendedores, bem como de aporte a estudos como os desenvolvidos por Morales (2004), Mamede e Moreira (2005), Lenzi (2008), Branco et al. (2013), dentre outros pesquisadores no Brasil.

Conforme último relatório executivo do GEM (*Global Entrepreneurship Monitor*, 2013), no Brasil, 32,3% da população, ou seja, cerca de 40 milhões de brasileiros, estão envolvidos em atividades empreendedoras, com destaque para os empreendimentos desenvolvidos por oportunidade (GEM, 2013).

Dentre as atividades econômicas desenvolvidas no Brasil, o agronegócio gerenciado pelos empreendedores rurais recebe destaque. A atividade rural brasileira, tida como uma das principais locomotivas da economia, responde atualmente por 23% do PIB brasileiro (BARROS; ADAMI, 2013). Trata-se de um setor de alta competitividade (CHAVES et al., 2010), sujeito a muitas regras de mercado (CELLA; PERES, 2002), com constantes variações cambiais das *commodities* e a inevitável dependência de fatores climáticos para obter resultados positivos de sua atividade econômica (ANTUNES; FLORES; RIES, 2006; SANTOS; SANTOS, 2008; LEITE; MORAES, 2014).

Ao analisar os segmentos de produção rural, destaca-se a participação da agricultura familiar responsável por 77% dos empregos no setor agrícola brasileiro, pelo cultivo de 70% dos produtos que compõem a cesta básica e por 40% de toda a produção agropecuária nacional (WESZ; TRENTIN, 2005; CEPAL, 2014). O Estado

de Santa Catarina é caracterizado pelos empreendimentos na agricultura familiar, que respondem por grande parte da produção agropecuária brasileira, influenciados principalmente por sua integração com as agroindústrias (FACHINELLO; SANTOS, 2010; FACHINELLO, MAZZUCCO, 2012).

A quase inexistência de trabalhos que identifiquem a associação das competências empreendedoras no setor rural brasileiro é um entrave ao entendimento de sua magnitude. No entanto, isto pode ser visto como um estímulo para se compreender seus principais indicadores. Sendo assim, esta pesquisa tem como objetivo geral analisar a proficiência de competências empreendedoras entre os produtores rurais catarinenses.

O artigo está estruturado em cinco seções. Inicia com a introdução, seguida da segunda seção com a fundamentação teórica acerca do empreendedorismo, empreendedorismo rural e competências empreendedoras. Na seção seguinte, é apresentado o método de pesquisa que norteou este estudo. A quarta seção apresenta a análise e discussão dos dados e, por fim, a última seção traz as considerações finais, limitações do estudo e possíveis recomendações para futuros trabalhos.

Empreendedorismo

A primeira designação à palavra empreendedor teve sua origem no século XII com a palavra francesa *entrepreneur*, que remetia a indivíduo que causava brigas (VICENZI; BULGACOV, 2013). Gradativamente, o termo passou a interessar diversos estudiosos, como Richard Cantillon que, em 1730, o relacionou com a predisposição de certos indivíduos em correr riscos a fim de melhorar suas condições socioeconômicas (BRANCO et al., 2013; NAIR; GAKHAR, 2014; TSENG, 2012). A riqueza e a variedade de características concernentes aos empreendedores culminaram em diversas teorias e discussões acerca do tema e foram se alternando de acordo com o contexto social e a época (MELATTI et al., 2013).

Fillion (1999) subdividiu tais teorias em duas abordagens distintas, a econômica e a comportamental. Na teoria econômica evidencia-se a visão de

Joseph Schumpeter, que designa o sujeito empreendedor como aquele que inova, reforma e impulsiona padrões de produção, enquanto Jean-Baptiste Say e Werner Sombart o descrevem como o empresário de sucesso, aquele que possui o talento de administrar vários fatores, além de enfatizar os empreendimentos como fundamentais para o desenvolvimento econômico dos países. Já a teoria comportamental teve como principal contribuição, o estudo dos indicadores comportamentais, organizado por David McClelland, em 1973. Nesta teoria, o autor sugere que os empreendimentos são impulsionados por motivações psicológicas distintas (FILLION, 1999; COSTA; BARROS; CARVALHO, 2011).

Dentre os principais aspectos motivadores elencados por McClelland, foram conceituados os de realização pessoal, tido como principal fator impulsionador dos empreendimentos em geral, o de afiliação que caracteriza as relações emocionais positivas com outras pessoas e por último a necessidade de poder, que sugere uma preocupação com o status social e com exercer poder sobre os outros (PAULINO; ROSSI, 2003; FEUERSCHÜTTE; ALPERSTEDT, 2008). Os demais autores definem tais motivações como competências, ou seja, um conjunto de hábitos e habilidades, como correr riscos, *know-how*, iniciativa, persistência, autonomia e que agregam valor econômico aos esforços de uma pessoa no trabalho (VICENZI; BULGACOV, 2013; CHOUHAN; SRIVASTAVA, 2014).

Schmidt e Dreher (2008), Balbi et al. (2009), Hopp e Stephan (2012) e Gatiyatullin e Nigmatov (2014) defendem que o desenvolvimento de tais competências empreendedoras está intrínseco à influência da cultura empreendedora, tal como: família, educação e inserção social. Já Fontenele (2010) e Sarfati (2013) pressupõem que quanto maior o estágio de inovação de um país, maiores são os investimentos em políticas públicas fundamentais ao desenvolvimento de iniciativas empreendedoras.

Rodrigues (2007) retrata a polissemia e as considerações epistemológicas acerca do empreendedorismo, expondo os paradigmas, as dificuldades e o discernimento necessários para o constructo de um perfil concernente do empreendedor. No entanto, sua crescente influência nos contextos econômicos, que ocorrem fundamentalmente, segundo Barros e Pereira (2008, p. 977), “pela inovação que introduz e pela concorrência de mercado”, observada inicialmente por

Schumpeter, é pesquisada exhaustivamente por inúmeros estudos empíricos (COVIN; MILLER, 2014).

A abordagem do termo coincide com os avanços nas pesquisas das Escolas de Administração, circunstâncias históricas e fenômenos econômicos (ARTUSO et al., 2012). Dentre as principais contribuições, pode-se citar o surgimento da pesquisa GEM a partir do ano 2000. No ano 2013, a pesquisa contou com a participação de 68 países, firmando-se como um dos principais termômetros do empreendedorismo, ao passo em que mede as taxas de empreendedorismo anuais e a criação de novos negócios em nível mundial (GEM, 2013). O empreendedorismo no Brasil ganhou maior notoriedade a partir dos anos 90, com a abertura da economia, processo de privatização de diversas estatais e a abertura do mercado interno para a concorrência externa (GEM, 2010).

Empreendedorismo rural

Outrora visto como o sujeito robusto, que trabalha duro e por longas horas, o empreendedor rural recebe na atualidade, uma conotação agraciada por capacidades distintas. A evolução e competitividade do mercado e as políticas agrícolas exigem do agroempreendedor, habilidades especiais, foco operacional e decisões estratégicas aprimoradas (BELDMAN; LAKNER; SMIT, 2014, BAIRWA et al, 2014).

Há fortes indícios de que as intenções empreendedoras são influenciadas por ambientes regionais e, apesar das evidências da coparticipação do empreendedorismo para o desenvolvimento econômico, as pesquisas empíricas que investigam a atuação do empreendedor rural são relativamente escassas (MECCHERI; PELLONI, 2006; KIBLER, 2013). No entanto, há contributos como as pesquisas de Baumgartner, Schulz e Seidlc (2013) e as de Dodd e Hynes (2012).

Há um conceito geral adotado para definir o empreendedorismo rural, como o descrito por Antunes, Flores e Ries (2006, p.19), que trata da "necessidade de controlar e gerenciar um número cada vez maior de atividades que podem ser desenvolvidas dentro de uma propriedade do setor agropecuário". Chaves et al. (2010) sugerem que o agronegócio, campo gerenciado pelo empreendedor rural, é

um setor de alta competitividade, sujeito, segundo Cella e Peres (2002), a muitas regras de mercado que exigem do produtor rural uma constante adaptação ao ambiente, onde reformula e otimiza a sua produção de acordo com a sua criatividade e conhecimento.

Antunes, Flores e Ries (2006), Santos e Santos (2008), Leite e Moraes (2014) lembram que, apesar de possuir domínio gerencial, o empreendedor rural deve estar propenso a riscos, em virtude das constantes variações cambiais a que estão expostos os produtos, além da inevitável dependência de fatores climáticos para obter resultados positivos de sua atividade econômica. O acesso à informação, às novas tecnologias e às políticas públicas são fatores condicionantes ao desempenho do empreendedor rural na atualidade (MARQUES; SILVA, 2014).

Lee e Phan (2008) citam a existência de significativos entraves ao progresso do empreendedorismo rural, como os de infraestrutura, de transportes, telecomunicações e distribuição de energia, exacerbados por distâncias geográficas, bem como pela falta de capital humano, comprometendo escalas eficientes de produção e o ciclo empreendedor.

Entretanto, estudos da OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico) afirmam que as regiões rurais, palco do agronegócio, representam cerca de 75% dos territórios e englobam um quarto da população mundial (PATO; TEIXEIRA, 2013). As atividades relacionadas ao agronegócio representam 22% do PIB Mundial e 23% do PIB do Brasil. Possuem uma taxa média de crescimento de 1,5% ao ano, com previsão de representar em negócios no mundo, 13,5 trilhões de dólares até 2025 (STEFANELLO, 2008).

A USDA (*United States Department of Agriculture*) realizou projeções do agronegócio entre os anos de 2013 a 2023, sugerindo que o agronegócio é estimulado pelo crescimento demográfico, liderado pelas nações emergentes e deve gerar um aumento de 20% no consumo de grãos nos próximos dez anos (USDA, 2014).

Com base em dados do CNA (2013), o PIB (Produto Interno Bruto) do agronegócio brasileiro encerrou o ano de 2013 representando cerca de R\$ 1,02 trilhão de reais, com um incremento de 3,56% em relação ao ano de 2012. A atividade rural brasileira, que figura como uma das principais locomotivas da

economia brasileira, em suma é estimulada pela exportação de *commodities*. (BARROS; ADAMI, 2013).

O Estado de Santa Catarina é caracterizado pelos empreendimentos na agricultura familiar, que respondem por grande parte da produção agropecuária brasileira, estimulada principalmente pela influência dos imigrantes e sua integração com as agroindústrias (FACHINELLO; SANTOS, 2010; FACHINELLO; MAZZUCCO, 2012). Já Oliveira (2008), Marques e Silva (2014) retratam o agricultor familiar como possuidor de características e competências empreendedoras, de transferência intergeracional, onde o trabalho, a mão de obra e o capital pertencem à unidade sustentada e revitalizada pela família. Por fim, Tinoco (2006), sugere a diversificação, a pluriatividade, bem como a grande capacidade de adaptação como marcas do empreendedor rural familiar.

Competências empreendedoras

Um dos principais vértices empíricos a investigar as contribuições socioeconômicas do empreendedor foi a ótica comportamental de McClelland (1973). O autor buscou caracterizar o sujeito empreendedor e suas ações associando-as a aspectos peculiares de personalidade, habilidades e motivações (MAMEDE; MOREIRA, 2005).

Diferentes temas são relacionados com as competências empreendedoras e seus respectivos efeitos, qualificados e quantificados pela investigação de notórios pesquisadores (COOLEY, 1990; SPENCER; SPENCER, 1993; MORALES, 2004; MAMEDE; MOREIRA, 2005; MELLO; LEAO; JUNIOR, 2006; LENZI, 2008; TAKAHASCHI; ZAMPIER, 2011; LANS; MULDER; VERSTEGEN, 2011; ANDREASSI; NASSIF; SIMÕES, 2011; GELDEREN, 2012; BRANCO et al., 2013).

O Modelo de Iceberg estabelece que há competências de ordem pessoal, neste caso, ocultas, como motivações, traços e conceitos, bem como competências visíveis, caracterizando-se por habilidades e conhecimentos distintos, que podem ser aprimoradas com o tempo (SPENCER; SPENCER, 1993). A competência, seja advinda da personalidade, aprimorada pela aquisição de conhecimentos ou gerencial, é considerada na atualidade a chave para o empreendedorismo e o

desempenho nos negócios (FILHO; GONÇALVES; VEIT, 2007; CAMARGO; MACIEL, 2010).

A competência se evidencia pelos recursos de uma pessoa quando houver uma ação que as mobilize, amparada por um desempenho superior diante de certa situação ou atividade (MAMEDE; MOREIRA, 2005; FEUERSCHÜTTE; GODOI, 2008). O contexto econômico instável, como no caso do setor rural, exige uma necessidade constante de adaptação dos sujeitos a novas realidades e, conseqüentemente, resultam da interação entre indivíduo e ambiente, diferentes comportamentos, habilidades e conhecimentos (TEIXEIRA, 2011, BRANCO et al., 2013; FU et al., 2013).

David McClelland, em 1973, buscou identificar determinadas competências de desempenho no trabalho, comparando pessoas de sucesso com outras que não o tinham (MORALES, 2004). Com fins de diferenciação e comparação, estipulou em três tipos as necessidades do empreendedor: necessidade de realização, de poder e de afiliação. Tal conceito serviu de aporte ao desenvolvimento do modelo de 10 competências de Cooley (1990), utilizado até hoje pelo Programa das Nações Unidas (PNUD) como parâmetro para capacitação de empreendedores em nível internacional (MORALES, 2004; TEIXEIRA, 2011; LENZI et al., 2012).

Para o constructo do tema competências empreendedoras e em consonância com os objetivos expostos por esta pesquisa, convém ressaltar o trabalho de Lenzi (2008). O autor, baseado nos estudos de Cooley (1990) e demais autores, criou um questionário de identificação das dez competências empreendedoras (LENZI, 2008). A definição das dez competências seguem representadas no Quadro 1.

CONJUNTO DE REALIZAÇÃO	
BUSCA DE OPORTUNIDADES E INICIATIVA (BOI)	
Lidera ou executa novos projetos, ideias e estratégias que visam conceber, reinventar, produzir ou comercializar novos produtos ou serviços.	
Toma iniciativas pioneiras de inovação gerando novos métodos de trabalho, negócios, produtos ou mercados para empresa.	
Produz resultado para a empresa decorrente da comercialização de produtos e serviços gerados da oportunidade de negócio que identificou e captou no mercado.	
CORRER RISCOS CALCULADOS (CRC)	
Avalia o risco de suas ações na empresa ou no mercado por meio de informações coletadas.	
Age para reduzir os riscos das ações propostas.	
Está disposto a correr riscos, pois eles representam um desafio pessoal e poderão de fato trazer bom retorno para a empresa.	
EXIGÊNCIA DE QUALIDADE E EFICIÊNCIA (EQE)	
Suas ações são muito inovadoras, trazem qualidade e eficácia nos processos.	
É reconhecido por satisfazer seus clientes internos e externos por meio de suas ações e resultados.	
Estabelece prazos e os cumpre com padrão de qualidade reconhecido por todos.	
PERSISTÊNCIA (PER)	
Age para driblar ou transpor obstáculos quando eles se apresentam.	
Não desiste em situações desfavoráveis e encontra formas de atingir os objetivos.	
Admite ser responsável por seus atos e resultados, assumindo a frente para alcançar o que é proposto.	
COMPROMETIMENTO (COM)	
Conclui uma tarefa dentro das condições estabelecidas, honra os patrocinadores e parceiros internos.	
Quando necessário, "coloca a mão na massa" para ajudar a equipe a concluir um trabalho.	
Está disposto a manter os clientes (internos e externos) satisfeitos e de fato consegue.	
CONJUNTO DE PLANEJAMENTO	
BUSCA DE INFORMAÇÕES (BDI)	
Vai pessoalmente atrás de informações confiáveis para realizar um projeto.	
Investiga pessoalmente novos processos para seus projetos ou ideias inovadoras.	
Quando necessário, consulta pessoalmente especialistas para lhe ajudar em suas ações.	
ESTABELECIMENTO DE METAS (EDM)	
Define suas próprias metas, independente do que é imposto pela empresa.	
Suas metas são claras, específicas e entendidas por todos os envolvidos.	
Suas metas são mensuráveis e perfeitamente acompanhadas por todos da equipe.	
PLANEJAMENTO E MONITORAMENTO SISTEMÁTICOS (PMS)	
Elaboram planos com tarefas e prazos bem definidos e claros.	
Revisa constantemente seus planejamentos, adequando-os quando necessário.	
É ousado na tomada de decisões, mas se baseia em informações e registros para projetar resultados.	
CONJUNTO DE PODER	
PERSUASÃO E REDE DE CONTATOS (PRC)	
Consegue influenciar outras pessoas para que sejam parceiros em seus projetos viabilizando recursos necessários para alcançar os resultados propostos.	
Consegue utilizar pessoas chave para atingir os resultados que se propõe ou conseguir os recursos necessários.	
Desenvolve e fortalece sua rede de relacionamento interna e externa à empresa.	
INDEPENDÊNCIA E AUTOCONFIANÇA (IAC)	
Está disposto a quebrar regras, suplantando barreiras e superar obstáculos já enraizados na empresa.	
Confia em seu ponto de vista e o mantém mesmo diante de oposições.	
É confiante nos seus atos e enfrenta desafios sem medo.	

QUADRO 1 – Competências empreendedoras

Fonte: Lenzi (2008).

Cooley (1990) associou inicialmente os três grupos de McClelland a um consórcio com as seguintes competências: para a necessidade de realização, o

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

autor destaca como principais atributos, a persistência, busca de oportunidades e iniciativa, o comprometimento, exigência de qualidade, eficiência e saber correr riscos calculados. Já associados com a segunda variável, necessidade de afiliação, estão a busca de informações, estabelecimento de metas, planejamento e monitoramento sistemáticos. E por fim, associadas ao último indicador comportamental, estão as competências, independência e autoconfiança, persuasão e rede de contatos.

Lenzi (2008) baseou-se nos constructos de McClelland (1973), de Cooley (1990) e demais autores, no intuito de criar o instrumento de abordagem das competências empreendedoras também utilizado e adaptado na presente pesquisa.

Procedimentos de pesquisa

Essa pesquisa seguiu as recomendações de Malhotra (2001), caracterizando-se pela abordagem quantitativa, de caráter descritiva, a qual utilizou a técnica de levantamento ou *survey* de corte transversal (*cross-sectional*) para a coleta de dados.

Instrumento de coleta de dados

A coleta de dados foi feita com a aplicação de um questionário fechado. O questionário foi composto por 36 perguntas, dividindo-se em: perguntas de caracterização do perfil do empreendedor rural e de sua propriedade, questão de faturamento mensal, a qual serviu para mensurar o desempenho da propriedade e 30 questões de competências empreendedoras, adaptadas do questionário desenvolvido por Lenzi (2008).

As 30 perguntas permitem a identificação das dez competências a partir de uma escala somativa de três perguntas para cada uma das competências propostas pelo autor. Atribuindo uma nota na escala ordinal (de 1 a 5) para cada afirmação do instrumento, o respondente obterá uma pontuação que poderá variar de 3 a 15. A presença de determinada competência é definida pela soma de no mínimo 12 pontos por competência.

Conforme explica Lenzi (2008), as competências empreendedoras são: Busca de Oportunidades e Iniciativa (BOI); Correr Riscos Calculados (CRC); Exigência de Qualidade e Eficiência (EQE); Persistência (PER); Comprometimento (COM); Busca de Informação (BDI); Estabelecimento de Metas (EDM); Planejamento e Monitoramento Sistemáticos (PMS); Persuasão e Rede de Contatos (PRC) e Independência e Autoconfiança (IAC).

População e amostra

A população da pesquisa é definida pelo número de produtores rurais que possuam Inscrição Estadual junto às exatorias dos 5 (cinco) municípios da SDR (Secretaria de Desenvolvimento Regional) pertencente ao município de ITAPIRANGA-SC, que totaliza 6.913 produtores rurais. A escolha da população se deu por esta região se caracterizar como importante polo da agroindústria do estado de Santa Catarina. Segundo a AMEOSC (2013) esta região possui uma área total de 860,02 km², um movimento econômico total de R\$ 915.213.710,11 e uma população total de 37.150 mil habitantes, dentre eles, 6.913 mil produtores rurais, com atividade fixa desenvolvida, mediante bloco de produtor rural.

Para alcançar o objetivo proposto pelo presente estudo, foi necessário adotar uma amostragem não probabilística por acessibilidade, sendo entregues pessoalmente o total de 378 questionários aos produtores rurais.

Entretanto, três retornaram sem o preenchimento completo, sendo desconsiderados. Quatro retornaram em branco e outros 38 questionários não retornaram. Diante disto, a amostra final desta pesquisa é composta por 334 questionários válidos.

Tratamento dos dados

A base de dados foi processada em uma planilha no Microsoft Excel®. Após, os dados foram importados para o software SPSS (*Statistical Package for the Social Sciences*) 21.0, no qual foi possível realizar as análises estatísticas **uni variadas** que apresentaram valores como: média, desvio padrão, valores mínimos e máximos

observados, frequência e percentagem dos resultados, assim como alguns relacionamentos entre perfil dos produtores rurais e as competências empreendedoras desenvolvidas.

Descrição do perfil da amostra

Dentre os produtores rurais entrevistados, a faixa etária encontra-se concentrada dos 31 aos 50 anos de idade, somando 57% do total. Quanto ao gênero, 227 (68%) se autodeclararam do gênero masculino e 107 (32%) se autodeclararam mulheres. Quanto ao quesito escolaridade, 50% dos entrevistados afirmaram possuir até o Ensino Fundamental completo. Outros 43%, possuem até o Ensino Médio completo.

A pesquisa apontou uma tendência aos estabelecimentos rurais com até 20 hectares, respondendo por 75% das propriedades analisadas. As atividades rurais se concentram expressivamente na relação agricultura e pecuária assim como pecuária e criação de outros animais, respondendo por 90% das entrevistas. Apurou-se um faturamento mensal de até R\$ 5.000,00 na participação de 46% dos entrevistados. No entanto, também pode ser notada uma importante participação da faixa dos R\$ 5.000,01 aos R\$15.000,00, respondendo por outros 39%.

Análise das competências empreendedoras

Tendo por base os 334 questionários coletados, se destacaram principalmente as três competências, estão entre elas: PER (persistência) presente em 87,42% dos entrevistados, também a competência COM (comprometimento), alusiva a 79,94% dos respondentes e por fim BDI (busca de informações), com destaque para 74,55% dos produtores pesquisados. Já as competências encontradas em menor intensidade foram a BOI (busca de oportunidade e iniciativa), presente em apenas 50,89% das entrevistas; a EQE (exigência de qualidade e eficiência), com 64,97% e a competência EDM (estabelecimento de metas), com 63,17% de respondentes.

A Figura 1 apresenta a análise geral do aparecimento das competências empreendedoras entre os respondentes, bem como a média de pontuação por competência.

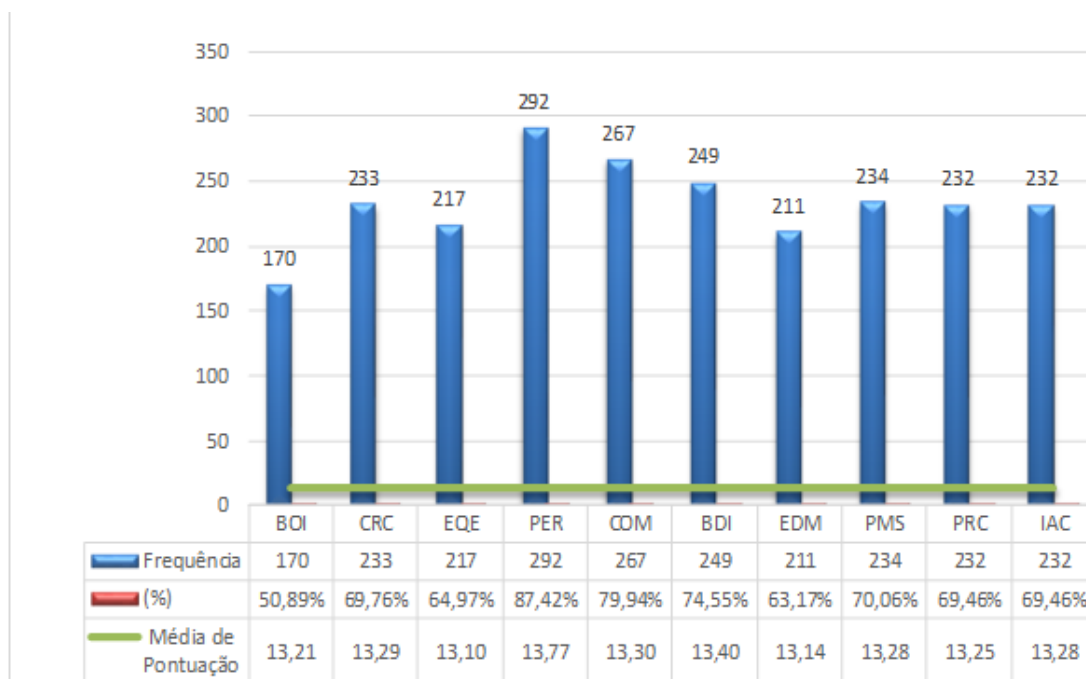


FIGURA 1 - Análise das competências empreendedoras
Fonte: Dados da Pesquisa (2013)

A fim de determinar a presença de determinada competência, Lenzi (2008) conjectura que a soma entre a escala ordinal de 1 a 5 apresente um resultado mínimo de 12 pontos. Assim, as médias de pontuação obtidas pela pesquisa, podem ser tidas como satisfatórias, pois todas se estabeleceram acima de 13, em que algumas competências se destacam mais do que outras.

Sobre competência apurada por esta pesquisa em maior intensidade, Fonseca et al. (2010) salientam que a persistência é um fator de ampla discussão, mas possui suas fontes iniciais na educação, na convivência familiar e na interação com diversos fatores que o fazem desenvolver tal habilidade.

Já Godoy (2007), explana que quando se remete ao setor rural brasileiro, a persistência se relaciona com a vontade que o produtor rural possui em continuar no campo, mesmo diante de constantes mudanças e modernizações, mas que o incitam a procurar constantemente maneiras de adaptação às novas formas de produzir.

Vale destacar, oportunamente, a carência no âmbito de situações e comportamentos que exigiam a busca de oportunidades, independência e iniciativa. Conforme Ensslin et al. (2011), esta é uma conjuntura comum a grande parte dos empreendimentos rurais. Há uma enorme gama de informações que precisam ser alocadas corretamente, exige tempo e conhecimento de seus gestores. Os autores salientam que diante das dificuldades em operar esses sistemas, os produtores rurais acabam recorrendo à intuição nos processos de gerenciamento, mas quando incitados à iniciativa e independência, permanecem relutantes em decorrência da sua dependência social com a propriedade.

Quanto ao grau de escolaridade, a pesquisa evidencia que a maior parte de competências concentrou-se no nível Ensino Médio completo. Diferentemente das médias nacionais, em que 89,80% dos produtores rurais possuem até o Ensino Fundamental completo (IBGE, 2006), na pesquisa, esta faixa de escolaridade se refere a apenas 50% dos entrevistados. Já Ensino Médio incompleto e completo, respondem por outros 43% dos entrevistados.

A Tabela 1 traz a relação entre as Competências e o Grau de Escolaridade dos empreendedores rurais entrevistados.

TABELA 1: Escolaridade e a relação com as competências empreendedoras

Grau de Escolaridade	B O I	(%)	C R C	(%)	E Q E	(%)	P E R	(%)	C O M	(%)	B D I	(%)	E D M	(%)	P M S	(%)	P R C	(%)	I A C	(%)
Ensino Fundamental incompleto	34	20%	55	24%	52	24%	70	24%	63	24%	52	21%	53	25%	60	26%	51	22%	53	23%
Ensino Fundamental completo	35	21%	54	23%	59	27%	71	24%	66	25%	64	26%	53	25%	64	27%	58	25%	59	25%
Ensino Médio incompleto	15	9%	29	12%	25	12%	36	12%	32	12%	29	12%	29	14%	23	10%	32	14%	30	13%
Ensino Médio completo	68	40%	75	32%	64	29%	95	33%	84	31%	84	34%	60	28%	72	31%	73	31%	74	32%
Ensino Superior incompleto	11	6%	10	4%	9	4%	11	4%	11	4%	10	4%	9	4%	9	4%	9	4%	8	3%
Ensino Superior completo	5	3%	6	3%	6	3%	6	2%	7	3%	6	2%	6	3%	5	2%	6	3%	5	2%
Pós-Graduação incompleto	1	1%	3	1%	2	1%	2	1%	3	1%	3	1%	0	0%	1	0%	3	1%	2	1%
Pós-Graduação completo	1	1%	1	0%	0	0%	1	0%	1	0%	1	0%	1	0%	0	0%	0	0%	1	0%
Outros	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%	0	0%
TOTAL	170	100%	233	100%	217	100%	292	100%	267	100%	249	100%	211	100%	234	100%	232	100%	232	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Os resultados sinalizam que a maior participação da escolaridade Ensino Médio Completo foi de 40% para a competência BOI – Busca de Oportunidade e Iniciativa, ou seja, pode-se dizer que na relação percentual, de cada 10

empreendedores, 4 que possuem o Ensino Médio apresentaram essa competência. É interessante notar uma tendência dos empreendedores que possuem Ensino Fundamental incompleto e completo para a competência Planejamento e Monitoramento Sistemático (PMS).

Ao realizar o cruzamento das competências em relação às atividades rurais desenvolvidas nas propriedades, convém ressaltar a participação de dois principais grupos. Na atividade Agricultura e Pecuária, que concentra 207 dos 334 respondentes, a competência Comprometimento foi a que obteve maior destaque, representando 64% dos 267 respondentes totais. Este fato tem suas explicações atreladas às peculiaridades do setor e à complexidade de funções que envolvem as atividades desenvolvidas, justificadas por Cella e Peres (2002), Chaves et al. (2010) e Leite e Moraes (2014).

A Tabela 2 traz a relação entre as competências, organizadas pelo número de respondentes e com relação às atividades rurais desenvolvidas pelo empreendedor rural.

TABELA 2: As Atividades Rurais e a avaliação das competências

Atividades desenvolvidas na propriedade	B	O	C	E	P	C	B	E	P	P	I	I	C	A	C					
	O	(%)	R	(%)	Q	(%)	E	(%)	O	(%)	D					(%)	M	(%)	R	(%)
Agricultura(apenas grãos)	3	2%	7	3%	8	4%	11	4%	11	4%	9	4%	8	4%	9	4%	5	2%	7	3%
Agricultura e pecuária	96	56%	141	61%	128	59%	183	63%	170	64%	157	63%	129	61%	136	58%	144	62%	142	61%
Apenas pecuária e criação de outros animais	64	38%	74	32%	74	34%	84	29%	76	28%	78	31%	63	30%	78	33%	75	32%	72	31%
Horticultura e fruticultura	1	1%	1	0,4%	1	0,5%	2	1%	2	1%	1	0,4%	1	0%	2	1%	2	1%	1	0,4%
Pesca	0	0%	1	0,4%	0	0%	1	0,3%	0	0%	0	0%	1	0%	1	0,4%	0	0%	0	0%
Produção florestal	4	2%	3	1%	4	2%	3	1%	4	1%	0	0%	4	2%	4	2%	3	1%	5	2%
Outro	2	1%	6	3%	2	1%	8	3%	4	1%	4	2%	5	2%	4	2%	3	1%	5	2%
TOTAL	170	100%	233	100%	217	100%	292	100%	267	100%	249	100%	211	100%	234	100%	232	100%	232	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Já a atividade rural, apenas a pecuária e a criação de outros animais contou com a participação de 97 empreendedores e obteve maior participação percentual das competências Busca de Oportunidade e Iniciativa (BOI) e Exigência de Qualidade e Eficiência (EQE). Na análise das atividades rurais, se confirma inicialmente, uma tendência apontada por Fachinello e Mazzucco (2012) acerca da vocação da propriedade familiar catarinense ao consórcio lavoura-pecuária,

fomentado pelas agroindústrias. Já no cruzamento com as competências, tiveram destaque EQE, PMS, CRC e BOI, que sinalizam atividades que envolvem analogias administrativas complexas (MAMEDE; MOREIRA, 2005), demandam comportamento estratégico (BUTZKE; MASTELLA; LENZI, 2012), visão, iniciativa (LENZI, 2008) e avaliação dos riscos da atividade (TAKAHASCHI; ZAMPIER, 2011).

Nas análises acerca do faturamento bruto mensal, foi possível identificar que a faixa de rentabilidade bruta mensal até R\$ 5.000,00 foi alternativa, com maior número de respondentes inclinados para as competências: Correr Riscos Calculados (CRC); Planejamento e Monitoramento Sistemáticos (PMS); Persistência (PER) e Independência e Autoconfiança(IAC), todas as opções representando 46% dos respondentes por competência.

A Tabela 3 faz a relação entre competências e faturamento bruto mensal.

TABELA 3: Faturamento Bruto Mensal e a relação com as competências

Faturamento Bruto Mensal	B O I	(%)	C R C	(%)	E Q E	(%)	P E R	(%)	C O M	(%)	B D I	(%)	E D M	(%)	P M S	(%)	P R C	(%)	I A C	(%)
Até R\$ 5.000,00	59	35%	108	46%	90	41%	134	46%	125	47%	105	42%	93	44%	108	46%	97	42%	106	46%
R\$ 5.000,01 a 10.000,00	52	31%	57	24%	65	30%	81	28%	71	27%	77	31%	60	28%	67	29%	72	31%	65	28%
R\$ 10.000,01 a 15.000,00	24	14%	28	12%	28	13%	31	11%	31	12%	26	10%	19	9%	23	10%	25	11%	23	10%
R\$ 15.000,01 a 20.000,00	19	11%	21	9%	17	8%	25	9%	19	7%	22	8,8%	23	11%	19	8%	17	7%	20	8,6%
R\$ 20.000,01 a 30.000,00	4	2%	6	3%	4	2%	7	2%	7	3%	7	3%	6	3%	5	2,1%	7	3%	6	3%
R\$ 30.000,01 ou mais	12	7%	13	6%	13	6%	14	5%	14	5%	12	5%	10	5%	12	5%	14	6%	12	5%
TOTAL	170	100%	233	100%	217	100%	292	100%	267	100%	249	100%	211	100%	234	100%	232	100%	232	100%

Fonte: Dados da pesquisa (2013).

Os resultados evidenciam que na medida em que cresce o faturamento, principalmente na faixa acima de R\$ 10.000,01, consecutivamente cresce a participação percentual para a competência Busca de Oportunidades e Iniciativa (BOI). Já na faixa de faturamento acima de R\$ 20.000,01 ocorre uma homogeneização das competências, que se apresentam em grande parte dos entrevistados. Vale lembrar, que a faixa de rentabilidade de R\$ 20.000,01 a 30.000,00 contou com a participação de 8 entrevistados e o último grupo, que compreende a faixa de faturamento de R\$ 30.000,01 ou mais, obteve 15

entrevistados. Os resultados da Tabela 3 indicam a presença marcante de competências empreendedoras junto aos dois grupos.

Portanto, esses resultados sinalizam a satisfação que o indivíduo encontra em seu empreendimento, causam efeitos que se associam à ambição, servem de motivações para alcançar sucesso na profissão, alcançando, deste modo, índices crescentes de aprendizagem e desempenho em seu negócio.

Considerações finais

Sabe-se que o empreendedorismo responde na atualidade por 32,3% de brasileiros envolvidos em algum tipo de negócio. Neste sentido, cabe destacar o importante papel do agronegócio, campo gerenciado pelo empreendedor rural, tido como uma das principais locomotivas da economia brasileira. Sujeito a muitas regras de mercado, variação cambial e dependente de fatores climáticos, este meio incita o empreendedor a desenvolver competências que propiciem obter resultados positivos de sua atividade econômica.

Os resultados dessa pesquisa evidenciaram que quanto ao perfil, a maioria dos empreendedores rurais é do sexo masculino, possuem em média de 31 a 50 anos de idade, desenvolvem a atividade rural de agricultura e pecuária, com tendência de propriedades rurais com até 20 hectares. Grande parte dos empreendedores entrevistados possui Ensino Médio completo e o faturamento bruto mensal das propriedades se concentra entre a faixa de R\$ 5.000,00 a R\$ 15.000,00.

Na busca pela definição das competências, pode-se apurar mediante esta pesquisa que as de maior destaque foram Persistência (PER), seguida por Comprometimento (COM) e por último Busca de Informações (BDI). Já as competências encontradas em menor intensidade foram a BOI (Busca de Oportunidade e Iniciativa), a EQE (Exigência de Qualidade e Eficiência) e a competência EDM (Estabelecimento de Metas). Apesar de nem todos os produtores apresentarem as competências, ainda assim seu aparecimento na população é significativo, considerando que a média de pontuação se manteve acima de 13 para as 10 competências analisadas.

Sob o aspecto geral da pesquisa, pode ser citada como fator limitante à sua execução, a quase inexistência de trabalhos desenvolvidos com enfoque para a análise de perfil e competências de empreendedores rurais. Pode-se recomendar a continuidade de estudos relacionados ao tema, dada a quase inexistência de estudos correlacionados a empreendedores rurais, bem como a necessidade de pesquisas que comprovem o real impacto do empreendedorismo rural para o crescimento e desenvolvimento econômico e social das regiões brasileiras.

Por fim, vale dizer que a dimensão do papel do empreendedor rural, no que tange ao desenvolvimento econômico, acaba refletindo seus retornos em todos os setores da sociedade. O papel deste empreendedor se destaca em suas constantes interações com o meio, revitalizando continuamente a relação entre o crescimento econômico e a função social desempenhada pela propriedade rural familiar.

Referências:

AMEOSC. Associação dos Municípios do Extremo-Oeste Catarinense. **Dados do Município de Itapiranga.** Disponível em: <<http://www.ameosc.org.br/municipios/index.php?show=detalhes&municipio=271>>. Acesso em: out. 2013.

ANDREASSI, T.; NASSIF, V. M. J.; SIMÕES, F. Competências empreendedoras: há diferenças entre empreendedores e intraempreendedores?. **Revista de Administração e Inovação**, São Paulo, v. 8, n. 3, p. 33 – 54, jul./set. 2011.

ANTUNES, L. M.; FLORES, A. W.; RIES, L. R.; **Gestão Rural.** Porto Alegre: Ed. Dos Autores, 2006.

ARTUSO, S. B.; GOUVÊA, M. A.; MASSAINI, S. A.; POLO, E. F. Empreendedorismo e competitividade global: uma análise multivariada de dados. **Revista Gestão Organizacional**, v. 5, n. 2, p. 259-271, jul./dez. 2012.

BAIRWA, S. L.; LAKRA, K.; KUSHWAHA, S.; MEENA L. K.; KUMAR, Pravin. Agripreneurship Development as a Tool to Upliftment of Agriculture. **International Journal of Scientific and Research Publications**, v. 4, n. 3, p. 1-4, mar. 2014.

BALBI, R. V.; EMMENDOERFER, M. L.; LIMA, A. A. T. F. C.; VALADARES, J. L. Cultura Empreendedora: O que está sendo produzido na Administração? In: ENANPAD, 23, 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo: Anpad, 2009. p. 1-16.

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

BARROS, A. A.; PEREIRA, C. M. M. A. Empreendedorismo e Crescimento Econômico: uma Análise Empírica. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 12, n. 4, p. 975-993, out./dez. 2008.

BARROS, G. S. C.; ADAMI, A. C. O. **Mesmo com redução dos preços, volume exportado pelo agronegócio inicia 2013 em alta**. Piracicaba: Universidade de São Paulo(USP), 2013, p. 1. Disponível em: <www.cepea.esalq.usp.br/comunicacao/Cepea_IndicesExport_1tri2013.doc> Acesso em maio de 2013.

BAUMGARTNER, D.; SCHULZ, T.; SEIDL, I. Quantifying entrepreneurship and its impact on local economic performance: A spatial assessment in rural Switzerland. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**, v. 25, n. 3-4, p. 222-250, 2013.

BELDMAN, A.C.G.; LAKNER, D.; SMIT, A.B. Changing conditions require a higher level of entrepreneurship by farmers: use of an interactive strategic management tool. **Wageningen Academic Publishers**, n. 135, p.125-131, 2014.

BRANCO, M. A.; CAMARGO, M.; LANA, J.; LENZI, F. C.; ORLANDI, C. A relação das competências empreendedoras e da conduta intraempreendedora no setor de serviços educacionais. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 2, p.77-95, abr./jun. 2013.

BUTZKE, M. A.; MASTELLA, A. S.; LENZI, F. C.. Comportamento estratégico e empreendedorismo corporativo: um estudo com estudantes e profissionais das áreas de gestão e de Tecnologia da Informação (TI). In: ENEGEP, 32, 2012, Bento Gonçalves. **Anais...** Bento Gonçalves, 2012.

CAMARGO, C.; MACIEL, C. O. Locus de controle, comportamento empreendedor e desempenho de pequenas empresas. **Revista de Administração Mackenzie**, São Paulo, v. 11, n. 2, p. 168-188, mar./abr. 2010.

CELLA, D.; PERES, F. C. Caracterização dos fatores relacionados ao sucesso do empreendedor rural. **Revista de administração**, São Paulo, v.37, n.4, p.49-57, out./dez. 2002.

CEPAL, Comisión Económica para América Latina y el Caribe; FAO, Organización de las Naciones Unidas para la Alimentación y la Agricultura; IICA., Instituto Interamericano de Cooperación para la Agricultura. Potenciales de la agricultura familiar. In: PERSPECTIVAS DE LA AGRICULTURA Y DEL DESARROLLO RURAL EN LAS AMÉRICAS: UNA MIRADA HACIA AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE Resumen ejecutivo, 2014. **Anais eletrônicos...** 2014. p. 50-52. Disponível em: <<http://repiica.iica.int/docs/b3165e/b3165e.pdf>>. Acesso em: 03 mar. 2015.

CHAVES, R. Q.; MAGALHÃES A. M.; BENEDETTI, O. I. S.; BLOS, A.L. F.; SILVA, T. N. Tomada de decisão e empreendedorismo rural: um caso da exploração comercial

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

de ovinos de leite. **Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional**, Taubaté, v.6, n. 3, p.3-21, set./dez. 2010.

CHOUHAN, V. S.; SRIVASTAVA, S. Understanding Competencies and Competency Modeling: A Literature Survey. **Journal of Business and Management**, v. 16, n. 1, p. 14-22, jan. 2014.

CNA, Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil. **Agronegócio, Balanço 2013, Perspectivas 2014**. In: Agronegócio: balanço 2013 - perspectivas 2014. **Anais...** Brasília: CNA Brasil, 2013, 123p. Disponível em: <http://www.canaldoprodutor.com.br/sites/default/files/balanco_CNA_2013_web.pdf>. Acesso em: 3 mar. 2015.

COOLEY, L. **Entrepreneurship Training and the Strengthening of Entrepreneurial Performance**. Final Report. Washington: USAID, 1990.

COSTA, A. M.; BARROS, D. F.; CARVALHO, J. L. F. A dimensão histórica dos discursos acerca do empreendedor e do empreendedorismo. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 15, n. 2, p. 179-197, mar./abr. 2011.

COVIN, J. G.; MILLER, D. International Entrepreneurial Orientation: Conceptual Considerations, Research Themes, Measurement Issues, and Future Research Directions. **Entrepreneurship Theory and Practice**, v. 38, n. 1, p. 11-44, jan. 2014.

DODD, S. D.; HYNES, B.C. Entrepreneurship Education and Context and Government Policies to Support Entrepreneurship. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**. v. 24, n. 9-10, p. 174-766, 2012.

ENSSLIN, L.; ENSSLIN, S. R.; NAGAOKA, A. K.; NAGAOKA, M. P. T. Gestão de propriedades rurais: processo estruturado de revisão de literatura e análise sistêmica. **Revista Brasileira de Agrociência**, Pelotas, v. 17, n. 4, p. 410-419, out./dez. 2011.

FACHINELLO, A.; MAZZUCCO, B. **A estrutura econômica de Santa Catarina a partir de uma matriz de contabilidade social**. Florianópolis, 2012. Disponível em: <http://www.anpec.org.br/sul/2013/submissao/files_l/i3609db33dd6b7dab7bff305d70e0fcf74.docx>. Acesso em Outubro de 2013.

FACHINELLO, A.; SANTOS, J. I. **Agricultura e agroindústria catarinenses: panorama, impasses e perspectivas do sistema agropecuário**. In: MATTEI, L.; LINS, H. N. A socioeconomia catarinense: cenários e perspectivas no início do século XXI. Chapecó: Ed. Argus, 2010.

FEUERSCHÜTTE, S. G.; ALPERSTEDT, G. D. Empreendedorismo e Competência: um Ensaio sobre a Complementaridade e a Convergência dos Construtos. In: ENANPAD, 32, 2008, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2008.

FEUERSCHÜTTE, S. G.; GODOI, C. K. Competências de Empreendedores Hoteleiros: um estudo a partir da metodologia da história oral. **Turismo: Visão e Ação**, v. 10, n.1, p. 39-55, jan./abr. 2008.

FILHO, C. G.; GONÇALVES, C. A.; VEIT, M. R.. Mensuração do perfil do potencial empreendedor e seu impacto no desempenho das pequenas empresas. **Revista de Negócios**, Blumenau, v. 12, n. 3, p. 29 - 44, jul./set. 2007.

FILLION, L. J. Empreendedorismo: Empreendedores e proprietários-gerentes de pequenos negócios. Tradução: Maria Letícia Galizzi e Paulo Luiz Moreira. **Revista de Administração**, São Paulo, v.34, n.2, p.05-28, abr./jun. 1999.

FONSECA, S. M. M.; FONSECA, S. M. M.; MELLO, S. C. B.; ROCHA, D. D. S. As competências empreendedoras no âmbito tecnológico como ativo estratégico da organização: um estudo baseado na teoria da vantagem de recursos. **Revista da Micro e Pequena Empresa**, Campo Limpo Paulista, v. 4, n.3, p.90-102, set./dez. 2010.

FONTENELE, R. E. S. Empreendedorismo, Competitividade e Crescimento Econômico: Evidências Empíricas. **Revista de Administração Contemporânea**, v. 14, n. 4, p.1094-1112, nov./dez. 2010.

FU, J.; MORRIS, M. H.; WEBB, J. W.; SINGHAL, Sujata. A Competency-Based Perspective on Entrepreneurship Education: Conceptual and Empirical Insights. **Journal of Small Business Management**, v. 51, n. 3, p.352–369, jul. 2013.

GATIYATULLIN, M. K.; NIGMATOV, Z. G. Formation of Entrepreneurship Culture with Technical University Students. **Middle East Journal of Scientific Research**, v. 19, n. 4, p. 544-548, 2014.

GELDEREN, M.V. Perseverance strategies of enterprising individuals. **International Journal of Entrepreneurial Behaviour & Research**, v. 18, n. 6, p.630 – 648, 2012.

GEM, Global Entrepreneurship Monitor. **Empreendedorismo no Brasil em 2010**. Curitiba: IBQP, 2010. p. 31-74.

GEM, Global Entrepreneurship Monitor. **Atividade empreendedora no Brasil em 2013**. Curitiba: IBQP, 2013. p. 4.

GODOY, M. M. **Persistência do tradicional o processo de modernização da agroindústria canvieira do Brasil e a sobrevivência de formas produtivas não capitalistas**. Belo Horizonte: UFMG/Cedeplar, 2007, 24p.

HOPP, C.; STEPHAN, U. The influence of socio-cultural environments on the performance of nascent entrepreneurs: Community culture, motivation, self-efficacy and start-up success. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**, v. 24, n. 9-10, p. 917-945, 2012.

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Agropecuário 2006, Agricultura Familiar: Brasil, grandes regiões e unidades da federação**. 2006. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/economia/agropecuaria/censoagro/agri_familiar_2006/default.shtm>. Acesso em: maio 2013.

KIBLER, E. Formation of entrepreneurial intentions in a regional context. **Entrepreneurship & Regional Development: An International Journal**, v. 25, n. 3-4, p. 293-323, 2013.

LANS, T.; MULDER, M.; VERSTEGEN, J. Analysing, pursuing and networking: Towards a validated three-factor framework for entrepreneurial competence from a small firm perspective. **International Small Business Journal**, v. 29, n. 6, p. 695-713, dez. 2011.

LEE, S. H.; PHAN, P. Initial thoughts on a model of rural entrepreneurship in developing countries. In: WORLD ENTREPRENEURSHIP FORUM, 2008, USA. **Anais eletrônicos...** 2008. p. 31. Disponível em: < http://www.world-entrepreneurship-forum.com/content/download/1693/39626/version/2/file/Lee%20and%20Phan_Rural%20entrepreneurship.pdf>. Acesso em: 03 mar. 2015.

LEITE, Y. V. P.; MORAES, W. F. A. Facetas do Risco no Empreendedorismo Internacional. **Revista de Administração Contemporânea**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, art. 6, p. 96-117, jan./fev. 2014.

LENZI, F. C. **Os empreendedores corporativos nas empresas de grande porte: um estudo da associação entre tipos psicológicos e competências empreendedoras**. Tese (Doutorado em Administração) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, 2008. Disponível em: < <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/12/12139/tde-15012009-105920/pt-br.php>> Acesso em: abril de 2013.

LENZI, F. C.; MACCARI, E. A.; MARTENS, C. D. P.; RAMOS, F. O desenvolvimento de competências empreendedoras na administração pública: um estudo com empreendedores corporativos na prefeitura de Blumenau, Santa Catarina. **Gestão & Regionalidade**, v. 28, n. 82, p. 117-130, jan./abr. 2012.

MALHOTRA, N. K. **Pesquisa de Marketing: uma orientação aplicada**. Porto Alegre: Bookman, 2001.

MAMEDE, M. I. B.; MOREIRA, M. Z. Perfil de competências empreendedoras dos investidores Portugueses e Brasileiros: Um estudo comparativo na rede hoteleira do Ceará. In: ANPAD. 31. 2005. Brasília. **Anais...** Brasília/DF.

MARQUES, A. C. O.; SILVA, R. L. B. R. O camponês, o rural e o agronegócio – diversas abordagens na geografia agrária brasileira. **Interface**, n. 7, p. 38-46, mar. 2014.

MCCLELLAND D.C. Testing for Competence Rather Than for Intelligence. **American Psychologist**, Cambridge, v.28, n.1, p. 1-14, jan. 1973.

MECCHERI N.; PELLONI, G. Rural Entrepreneurs and Institutional Assistance: an Empirical Study from Mountainous Italy. **Entrepreneurship and Regional Development**, v. 18, n. 5, p. 371-392, 2006.

MELATTI, G. A.; NEGREIROS, L. F.; OGUIDO, W. S.; PELISSON, C.; VIEIRA, S. F. A. Ensino de empreendedorismo em cursos de Administração: um levantamento da realidade brasileira. **Revista de Administração FACES Journal**. Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 93-114, abr./jun. 2013.

MELLO, S. C. B.; LEÃO, A. L. M. S.; JÚNIOR, F. G. P. Competências empreendedoras de dirigentes de empresas brasileiras de médio e grande porte que atuam em serviços da nova economia. **Revista de Administração Contemporânea**, Curitiba, v. 10, n.4, p. 47-69, out./dez. 2006.

MORALES, S. A. **Relação entre competências e tipos psicológicos junguianos nos empreendedores**. Tese de Doutorado da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. 2004. 199p.

NAIR, P., GAKHAR, P. Women Entrepreneurship: Finding Voice and Vision. **Journal of Business and Management**, v. 16, n. 1, p. 95-100, fev. 2014.

OLIVEIRA, J. O. Empreendedorismo rural e a Política de Capacitação Profissional em Pequenas Propriedades Rurais na Região de Araraquara. **Revista Espaço de Diálogo e Desconexão**, Araraquara, v.1, n.1, jul./dez. 2008.

PATO, M. L.; TEIXEIRA, A. A. C. Twenty Years of Rural Entrepreneurship: A Bibliometric Survey. **School of Economics and Management**, n. 516, dez. 2013

PAULINO, A. D.; ROSSI, S. M. M. Um estudo de caso sobre Perfil Empreendedor – Características e traços de personalidade empreendedora. In: EGEPE. 3. 2003, Brasília. **Anais...** Brasília: UEM/UEL/UnB, 2003. p. 205-220.

RODRIGUES, M. C. O fenômeno do empreendedorismo e as teorias organizacionais: identificando a interseção teórica dos domínios. In: ENANPAD, 31, 2007, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: Anpad, 2007, p. 1-13.

SANTOS, W. S.; SANTOS, A. L. C. Perfil dos empreendedores que atuam no turismo rural: um estudo de caso na microrregião de Feira de Santana (BA). **Sitientibus**, Feira de Santana, n. 39, p.75-94, jul./dez. 2008.

BRACHT, D. E.; WERLANG, N. B. Competências empreendedoras: uma investigação com produtores rurais catarinenses. **Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas**, v. 4, n. 1, 2015.

SARFATI, G. Estágios de desenvolvimento econômico e políticas públicas de empreendedorismo e de micro, pequenas e médias empresas (MPMEs) em perspectiva comparada: os casos do Brasil, do Canadá, do Chile, da Irlanda e da Itália. **Revista de Administração Pública**, v. 47, p. 25-48, jan./fev. 2013.

SCHMIDT, C. M.; DREHER, M. T. Cultura Empreendedora: Empreendedorismo coletivo e perfil empreendedor. **Revista de Gestão USP**, São Paulo, v.15, n.1, p.1-14, jan./mar. 2008.

SPENCER JR., L. M.; SPENCER, S. M. **Competence at Work**: models for superior performance. New York: John Wiley and Sons, 1993.

STEFANELO, E. O agronegócio: mundial e brasileiro. **Vitrine da Conjuntura UNIFAE**, Curitiba, v.1, n. 1, p.1-11, mar. 2008.

TAKAHASHI, A. R. W.; ZAMPIER, M. A. Competências empreendedoras e processos de aprendizagem empreendedora: modelo conceitual de pesquisa. **Cadernos Ebape**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 6, p. 565-585, jul. 2011.

TEIXEIRA, R. M. Competências e Aprendizagem de Empreendedores/Gestores de Pequenas Empresas no Setor Hoteleiro. **Turismo em Análise**, v. 22, n. 1, abr. 2011.

TINOCO, S. T. J. **Análise sócio-econômica da piscicultura em unidades de produção agropecuária familiares da região de Tupã**. Tese (Doutorado em Aquicultura) Centro de Aquicultura da Universidade Estadual Paulista, Jaboticabal, São Paulo, 2006.

TSENG, C. C. Linking Entrepreneurial Infrastructures and New Business Development: Entrepreneurship Development in Taiwan. **The Journal of Entrepreneurship**, v. 21, n. 1, p. 117–132, mar. 2012.

USDA, United States Department of Agriculture. **Agricultural Projections to 2023**. USDA Long-term projections, 2014. Disponível em: <<http://www.ers.usda.gov/media/1279423/oce141fm.pdf>>. Acesso em: 3 mar. 2015.

VICENZI, S. E.; BULGACOV, S.; Fatores motivadores do empreendedorismo e as decisões estratégicas de pequenas empresas. **Revista Ciências da administração**, v. 15, n. 35, p.208-221, abr. 2013.

WESZ, J. V J.; TRENTIN, I. C. L. Desenvolvimento e agroindústria familiar. In: XLIII CONGRESSO DA SOBER, 43, 2005. Ribeirão Preto. **Anais...** Ribeirão Preto: SOBER Sociedade Brasileira de Economia e Sociologia Rural, 2005.